21 out

Coro Gulbenkian
Martina Batič

Coro Gulbenkian a cappella

GULBENKIAN MÚSICA

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN • 1956—2026 70

Coro Gulbenkian
Martina Batič Maestra
Martin Henneken Violoncelo
Domingos Ribeiro Contrabaixo
Sérgio Silva Órgão

Johann Sebastian Bach

Jesu, meine Freude BWV 227
Komm, Jesu, komm! BWV 229

Andreia Pinto Correia

Deste mund'outro

Estreia absoluta – Encomenda
da Fundação Calouste Gulbenkian

Luís Tinoco

Descubro a voz

Joly Braga Santos

Cuatro Canciones

1. *De los álamos vengo*
2. *Al alba venid*
3. *Al cantar de las aves*
4. *Ay, luna que reluces*

DURAÇÃO APROXIMADA 60 MIN
CONCERTO SEM INTERVALO

A voz é, talvez, a mais antiga das formas de indagar. Invoca, recorda, interroga. E, porque nunca permanece inteiramente igual a si mesma, a voz está, de algum modo, sempre a nascer. Também por isso, certas músicas começam na palavra que se procura, no apelo que ainda não encontrou resposta, na respiração que prepara aquilo que vai ser dito.

Em **Johann Sebastian Bach** (1685-1750), a voz encontra na invocação uma das suas expressões mais profundas. *Jesu, meine Freude* e *Komm, Jesu, komm* pertencem ao universo do motete luterano, onde a palavra sagrada constitui o princípio e horizonte da composição. Na Igreja Luterana, o coral, enquanto hino congregacional, constituiu uma das expressões fundamentais da vida religiosa e uma forma de participação ativa dos fiéis no culto. Cantado na primeira pessoa do singular, *Ich singe* ("eu canto"), ou na primeira pessoa do plural, *Wir singen* ("nós cantamos"), articula a experiência íntima da fé com a sua dimensão comunitária. Igualmente, tornou-se no fundamento melódico de inúmeras obras de compositores do espaço cultural alemão.

O motete, por sua vez, é uma composição vocal polifónica, cuja função litúrgica e expressiva conheceu uma notável diversidade. Na tradição barroca, e particularmente em Bach, transformou-se num espaço de meditação teológica, no qual a palavra, a arquitetura contrapontística e a exploração dos afetos concorrem para tornar audível a vivência espiritual. Entre a afirmação individual da fé e a voz coletiva da comunidade, coral e motete revelam a íntima relação entre música, devoção e pensamento teológico.

Escrito provavelmente em 1723, após a chegada do compositor a Leipzig, na qualidade de *Kantor*, o motete *Jesu, meine Freude* BWV 227, apresenta uma arquitetura musical de grande densidade, organizada em onze andamentos numa estrutura simétrica em espelho, construída em torno de um andamento *pivot* (n.º 6): Coral-Coro-Coral-Trio-Variação-FUGA-Coral-Trio-Coral-Coro-Coral. Esta simetria, que não é evidente para o ouvinte, assume particular evidência no 1.º e no último andamentos, harmonizações idênticas do coral, no 2.º e 10.º, que utilizam o mesmo material musical, e no 4.º e 8.º, escritos para 3 vozes. O texto utilizado alterna entre passagens da Epístola

de São Paulo aos Romanos, 8:1-2, 9-11, nos andamentos pares, e o hino homónimo de Johann Franck (1618-1677), nos andamentos ímpares. Sobre o Homem pende a doce eternidade no paraíso ou o penoso castigo do inferno. Em constante tensão caminhamos até à fuga central, onde os melismas ascendentes parecem dar forma musical ao espírito de Deus que habita em todos os crentes. Daí em diante a inquietação cede, progressivamente, à serenidade. Cristo liberta o Homem do pecado e da morte.

Desconhece-se a data de composição de *Komm, Jesu, komm* BWV 229, o único motete de Bach que não utiliza textos bíblicos, antes um poema fúnebre de Paul Thymich (1656-1694), associado à memória do filósofo Jakob Thomasius (1622-1684). Aqui, a própria palavra é já movimento. *Vem* é o verbo que abre a obra, mas é também aquilo que a textura melódico-harmónica parece fazer avançar em direção a alguém. A invocação de Jesus, simultaneamente súplica e despedida, transforma-se, num segundo momento, numa afirmação serena de Cristo como único "Caminho, Verdade e Vida". O motete termina com uma solene oração, uma melodia harmonizada ao jeito de um coral, que reúne a voz individual e a expressão coletiva da fé.

Noutra latitude, e noutro quadro cronológico, a voz encontra outras palavras, outros mundos e outras inquietações. Em *Descubro a voz*, de **Luís Tinoco** (n. 1969), licenciado em composição na Escola Superior de Música de Lisboa, onde exerce funções de docência, mestre em composição pela Royal Academy de Londres e doutor pela Universidade de York, o próprio título parece deslocar a pergunta. Já não se trata do que a voz diz, antes do que é capaz de revelar. O poema de José Luís Tinoco (1932-2026), pai do compositor, coloca a voz no centro de uma descoberta que é simultaneamente musical e humana. Descobrir a voz é descobrir uma matéria que não existe antes de ser pronunciada, uma presença que se faz e desfaz no instante em que é ouvida. Composta em 2007, por ocasião do 25.º Festival de Música de Leiria, e do 50.º aniversário do Orfeão de Leiria, a quem é dedicada, *Descubro a voz* foi estreada em 2012, no Centro Cultural de Belém, pelo Coro Filarmónico de Câmara da Estónia, dirigido por Daniel Reuss. Segundo Luís Tinoco, a obra nasceu

da relação familiar com Leiria, a histórica ligação dos seus avoengos à "vida artística e cultural do concelho", parecendo-lhe "inevitável" utilizar um dos poemas de seu pai.

Encomenda da Fundação Calouste Gulbenkian, as *Cuatro Canciones* de **Joly Braga Santos** (1924-1988), foram compostas em 1971 e estreadas em 1973, pelo Coro Gulbenkian. Sendo um dos compositores portugueses mais importantes do séc. XX, e figura ímpar da docência, direção de orquestra e crítica musical, Braga Santos faz do passado matéria viva, convocando uma voz que atravessa o tempo sem perder a sua intimidade, partindo de poemas de autores anónimos do cancioneiro castelhano (séculos XIV-XV), todos de temática amorosa. Profundamente líricas, as duas primeiras canções *De los álamos vengo* e *Al alba venid* estabelecem um diálogo entre os solos de tenor e soprano, respetivamente, e o coro. À concisão de *Al cantar de las aves* sucede o carácter dolente de *Ay, luna que reluces*, onde a luminosidade da harmonia parece envolver a palavra numa delicada melancolia.

A estreia de uma obra de **Andreia Pinto Correia** (n. 1971) surge, não como conclusão, mas como continuação, acrescentando aquilo que nenhuma obra do passado pode oferecer inteiramente, uma voz nova, o presente e a promessa daquilo que ainda não foi dito. Entre Bach e a criação contemporânea, a voz percorre séculos sem deixar de ser, na sua essência, uma passagem entre o interior e o exterior. Pode pedir, louvar, recordar, descobrir. Pode procurar o outro ou procurar-se a si própria. E talvez seja essa a sua condição mais misteriosa.

José Bruto da Costa

Andreia Pinto Correia

A música de Andreia Pinto Correia – descrita como "poderosamente meditativa" pelo *The Boston Globe* e "fascinante" pela *San Francisco Classical Voice* – caracteriza-se pela atenção minuciosa dada ao detalhe harmónico e à cor tímbrica. Dando continuidade a uma tradição familiar de académicos e escritores, a sua obra reflete uma forte influência de fontes literárias.

Entre os destaques recentes, figuram duas obras encomendadas pelo maestro Gustavo Dudamel, que foram apresentadas pelas Filarmónicas de Nova Iorque e de Los Angeles no Lincoln Center e no Walt Disney Concert Hall.
O seu Concerto para Violoncelo, uma encomenda conjunta da Orquestra Sinfónica do Estado de São Paulo e da Fundação Calouste Gulbenkian, teve também as suas estreias na Europa e na América do Sul.

As distinções incluem o Prémio Sorel (na sua edição inaugural), o *Arts and Letters Award in Music,* da Academia Americana de Artes e Letras, uma Bolsa Guggenheim e o Prémio DSCH Shostakovich, com o apoio do Ministério da Cultura de Portugal. Recebeu encomendas da Presidência da União Europeia, da Orquestra Sinfónica de Boston, do Washington Performing Arts (Kennedy Center), do Festival de Kronberg (Alemanha), da League of American Orchestras, das Universidades de Chicago e de Harvard (Fromm Music Foundation) e da American Composers Orchestra (Carnegie Hall), entre outras instituições.

Nascida em Lisboa, Andreia Pinto Correia doutorou-se em composição no New England Conservatory of Music, em Boston. Foi curadora do festival de música contemporânea *Fertile Crescent*, no Institute for Advanced Study, em Princeton, e recebeu o título honorário *Fellow of the Australian National University,* em Camberra. Foi professora associada convidada de composição na Universidade de Indiana. Atualmente reside em Brooklyn, Nova Iorque.

As cantigas trovadorescas Galego-Portuguesas são um dos patrimónios mais ricos da Idade Média Peninsular. Produzidas no período entre os finais do século XII e meados do século XV, correspondem a uma área geográfica e cultural específica dos reinos de Leão e Galiza, reino de Portugal, e reino de Castela (unificada com Leão a partir de 1230). Neste universo surgem três géneros principais: a cantiga de amor, a cantiga de amigo, e a cantiga de escárnio e maldizer.

Deste mund'outro, é uma cantiga de amor com texto de autoria de Rui Queimado, trovador português ativo no século XIII. De registo aristocrático, cantiga de amor tem, na sua origem, a arte das cantigas provençais provenientes do sul de França, refletindo o universo do *fin'amor* provençal e a relação entre o poeta servidor e a *sua senhor* ou "amor cortês". Trata-se de uma cantiga em voz masculina, neste caso particular sem refrão (cantiga de mestria) e originalmente com finda, ou seja, com remate, constituído por dois ou três versos finais, omitidos nesta versão contemporânea. Igualmente nesta nova obra musical o texto de Rui Queimado foi editado com vista a uma melhor adaptação para coro *a cappella*.

Num parêntese pessoal, a escolha deste universo de cantigas trovadorescas galego-portuguesas reflete a minha admiração pela dedicação de toda uma vida de meu pai, Professor João David Pinto Correia (Funchal, 1939 – Lisboa, 2018) e pelo seu legado como diretor do Centro de Tradições Populares da Universidade de Lisboa.

Encomenda da Fundação Calouste Gulbenkian, por convite da Gulbenkian Música e de Fredrik Andersson, a obra *Deste mund'outro* é dedicada à Fundação Gulbenkian em celebração dos seus 70 anos. Um agradecimento especial ao Professor Manuel Pedro Ferreira e à Professora Esperança Cardeira.

Andreia Pinto Correia

Martina Batič

Vencedora do Concurso Eric Ericson em 2006, a eslovena Martina Batič é uma das principais maestras da sua geração. É reconhecida a sua versatilidade na direção de um vasto repertório, desde obras *a cappella* até obras corais-sinfónicas. É a atual Maestra Titular do Coro Gulbenkian.

Martina Batič foi Maestra Principal do Coro da Radio France (2018 a 2022), Diretora Artística do Coro Filarmónico Esloveno e Diretora Artística do Coro da Ópera Nacional Eslovena (2004 a 2009), em Liubliana. No início da temporada 2023/24, assumiu as funções de Maestra Principal do Ensemble Vocal Nacional da Dinamarca, em Copenhaga.

Como maestra convidada, dirige regularmente prestigiados agrupamentos corais, incluindo o RIAS Kammerchor, o Coro da Rádio de Berlim, o Coro da Rádio da Baviera, o Coro da Rádio MDR, o SWR Vokalensemble, o Chorwerk Ruhr, o Coro de Câmara Eric Ericson, o Coro da Rádio Sueca, o Coro de Solistas da Noruega, o Coro da Rádio dos Países Baixos, o Coro da Rádio da Flandres, a Züricher Singakademie, o Coro de Câmara de Helsínquia e o Bachchor Salzburg, entre outros agrupamentos.

Dirigiu concertos *a cappella* em eventos como o Festival do Mar Báltico (Estocolmo), o *Ultima Oslo*, o *Choregies d'Orange*, o *Festival Présences*, em Paris, ou os festivais de Montpellier e Saint-Denis. Em 2018, dirigiu o Coro da Rádio Sueca e o Coro de Câmara Eric Ericson num concerto de gala para assinalar o 100.º aniversário de Eric Ericson.

Martina Batič estudou na Academia de Música da Universidade de Liubliana e na Universidade de Música e Teatro de Munique. Obteve o grau de mestre em direção coral, com distinção, em 2004. Em 2019, recebeu o prémio nacional esloveno *Prešeren Fund Awards*, pelas suas realizações artísticas no domínio da direção coral.

Martin Henneken

Martin Henneken recebeu as suas primeiras aulas de violoncelo aos seis anos de idade. Estudou na Musikhochschule Lübeck, na Alemanha, com Troels Svane. Posteriormente, ingressou na classe de Reinhard Latzko na Universidade de Música de Viena, onde concluiu o Mestrado com distinção. Músicos como o violoncelista Lynn Harrell e o violinista Walter Levin (Quarteto Lassalle) complementaram a sua formação. Foi premiado várias vezes no Concurso Nacional Alemão para Jovens Músicos. Foi bolseiro da Fundação Live Music Now, criada por Yehudi Menuhin. Durante os seus estudos, colaborou regularmente com várias orquestras como a Filarmónica de Lübeck, a orquestra da Volksoper Wien, a Sinfónica de Viena e a Sinfónica da Índia. Entre 2009 e 2010, integrou a Orquestra da Ópera Nacional de Viena (Filarmónica de Viena), com a qual teve a oportunidade de participar em gravações, digressões internacionais e festivais (Salzburgo, Lucerna, *BBC Proms*). Desde 2010, é Violoncelo Solista da Orquestra Gulbenkian.

Domingos Ribeiro

Domingos Ribeiro nasceu em Macau em 1992. Iniciou os seus estudos musicais no Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga e licenciou-se em 2013 na Escola Superior de Música de Lisboa. Estudou posteriormente na Escuela Superior de Música Reina Sofía, em Madrid, enquanto bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian e da Fundación Albéniz. Foi academista da Sinfónica da Rádio da Baviera e participou em vários estágios de orquestras de jovens, destacando-se a Orchestre de Jeunes de la Méditerranée e a European Union Youth Orchestra. Foi reforço convidado na Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música (2014), na Orquestra Nacional de Espanha (2016) e na Orquestra do Festival de Budapeste (2017). Em 2015, atuou a solo com a Orquestra Sinfónica da Escola Superior de Música de Lisboa e com a Camerata Gareguin Arantounian. Recebeu o 1.º Prémio na primeira edição do Concurso Vasco Barbosa, tendo-se apresentado a solo no Centro Cultural de Belém, com a Camerata Atlântica, e gravado para a RDP – Antena 2. Em 2019, recebeu o 2.º Prémio e o Prémio do Público do Concurso de Interpretação do Estoril e o 1.º prémio do Festival "Verão Clássico". Em 2020, apresentou-se a solo com a Orquestra Gulbenkian. É solicitado para vários projetos de música de câmara em todo o país, tendo colaborado com artistas como Maria João Pires, Gyula Stuller, Lou Yung-Hsin Chang ou Antonio Meneses, entre outros, e trabalhou também com o Ensemble Mediterrain e o Ensemble Darcos. Participa regularmente em recitais de música de câmara dos Solistas da Orquestra Gulbenkian. É Solista A do naipe de Contrabaixos da Orquestra Gulbenkian.

Sérgio Silva

Sérgio Silva é Mestre em Música, Ramo de Interpretação em Órgão, pela Universidade de Évora, sob a orientação de João Vaz. Para a sua formação contribuiu o contacto com diversos organistas de renome internacional. Apresenta uma agenda artística intensa, tocando tanto a solo como integrado em agrupamentos de prestígio nacionais, tendo atuado em diversos países europeus e em Macau.

Participou em diversas gravações discográficas como solista e integrado em agrupamentos, destacando-se a gravação do primeiro volume de *Flores de Música* de Manuel Rodrigues Coelho. Paralelamente, tem-se dedicado ao estudo e transcrição de música antiga portuguesa, tendo colaborado em edições nacionais (Obras completas de Fr. Fernando de Almeida – IPL/CESEM) e internacionais (*Flores de Música* de Manuel Rodrigues Coelho – Ut Orpheus). Foi consultor artístico no II Ciclo de Órgão de Sintra e diretor artístico do Ciclo de Órgão da Igreja de Santo António de Lisboa e do Ciclo de Concertos de Órgão do Jubileu 2025.

É professor de Órgão na Escola Artística do Instituto Gregoriano de Lisboa e é titular dos órgãos históricos da Basílica a Estrela e da Igreja de São Nicolau.

Coro Gulbenkian

Fundado em 1964, o Coro Gulbenkian conta atualmente com uma formação sinfónica de cerca de cem cantores. Pode atuar em grupos vocais mais reduzidos, apresentando-se tanto *a cappella* como em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos. No domínio da música contemporânea, tem apresentado, frequentemente em estreia absoluta, inúmeras obras de compositores portugueses e estrangeiros. Tem colaborado regularmente com prestigiadas orquestras, entre as quais a Philharmonia Orchestra de Londres, a Freiburger Barockorchester, a Orquestra do Século XVIII, a Filarmónica de Berlim, a Sinfónica de Baden Baden, a Sinfónica de Viena, a Orquestra do Real Concertgebouw de Amesterdão, a Orquestra Nacional de Lyon ou a Orquestra de Paris. Participou em importantes festivais internacionais, tais como: Festival Eurotop (Amesterdão), Festival Veneto (Pádua e Verona), City of London Festival, Hong Kong Arts Festival, Festival Internacional de Música de Macau, ou Festival d'Aix-en-Provence.

A discografia do Coro Gulbenkian está representada nas editoras Philips, Archiv / Deutsche Grammophon, Erato, Cascavelle, Musifrance, FNAC Music e Aria Music, tendo registado um repertório diversificado, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XX. Algumas destas gravações receberam prestigiados prémios internacionais. Entre 1969 e 2020, Michel Corboz foi o Maestro Titular do Coro Gulbenkian. Martina Batič é a atual Maestra Titular, Inês Tavares Lopes é Maestra Adjunta e Jorge Matta é consultor artístico.

SOPRANOS
Ariana Russo
Bianca Varela
Carina Matias Ferreira
Claire Rocha Santos
Filipa Passos
Isabel Cruz Fernandes
Lucília de Jesus
Margarida Simões
Teresa Duarte
Verónica Silva

CONTRALTOS
Beatriz Cebola
Estrela Martinho
Fátima Nunes
Joana Esteves
Joana Nascimento
Lucinda Gerhardt
Manon Marques
Marta Queirós
Markéta Chumová
Rita Tavares

TENORES
Alberto Vilas Boas
Aníbal Coutinho
António Gonçalves
Artur Afonso
Francisco Cortes
Miguel Carvalho
Nuno Raimundo
Pedro Miguel

BAIXOS
Afonso Moreira
Alexandre Gomes
Henrique Coelho
João Costa
Miguel Jesus
Nuno Gonçalo Fonseca
Nuno Rodrigues
Pedro Casanova
Rui Bôrras

COORDENAÇÃO
António Lopes Gonçalves

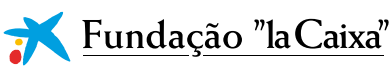
PRODUÇÃO
Inês Rosário
Marta Ferreira de Andrade
Inês Nunes

Programas e elencos sujeitos a alterações
sem aviso prévio.

De acordo com o compromisso
da Fundação Calouste Gulbenkian
com a sustentabilidade, este programa
foi impresso em papel produzido
a partir de florestas plantadas com
gestão sustentável.

Mecenas
Gulbenkian Música





Mecenas
EGO



Mecenas
Piano e Orquestra



Mecenas
Ciclo de Piano



BPI | Fundação "la Caixa"

A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Próximos concertos

Evgeny Kissin
András Schiff

22 out
quinta 20:00

Viagem à América

25 out
domingo 11:00 / 15:00

Concerto para Violoncelo de Dvořák

29 out
quinta 20:00

30 out
sexta 19:00

Quarteto Van Kuijk

02 nov
segunda 20:00

Petrouchka

Livestream gratuito*

05 nov
quinta 20:00

06 nov*
sexta 19:00

Evite tossir.

A tosse perturba os músicos e o público.
Se precisar de tossir, procure abafar o som.
Se persistir, saia discretamente e regresse no final
da obra ou do andamento.

Desligue o telemóvel.

O modo silencioso não impede alarmes
e um ecrã aceso é visível em toda a sala.
Não são permitidos registos de som ou imagem.



